

Estudos da Língua(gem)

O europeu e o outro

The European and the other

Rafael Chaves SANTOS*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ/BRASIL

RESUMO

A primeira grande Expedição Científica Austríaca ao Brasil no início século XIX produziu, além da coleta de diversas espécies e peças de coleções antropológicas e etnográficas, vários relatos das experiências de seus participantes. Um destes, Johann Natterer, cuja permanência em nossas terras foi a mais demorada, não pode em vida concluir sua obra, mas deixou centenas de cartas que relatam suas experiências e vivências pelas regiões do Brasil. Seus textos, ainda pouco trabalhados no Brasil, são, neste artigo, analisados como prática social que busca evidenciar por meio da linguagem posições ideológicas de caráter eurocêntrico.

PALAVRAS-CHAVE: Europeus. Relatos. Linguagem. Índios.

ABSTRACT

The first major Austrian Scientific Expedition to Brazil in early nineteenth century produced, in addition to collecting various species and

*Sobre o autor ver página 193.

parts of anthropological and ethnographic collections, many compilations of the experiences of their participants. One of these, Johann Natterer, whose permanence in our land was the most time consuming, could not complete his work in life time, but left hundreds of letters that described his knowledge and his experiences of life in the regions of Brazil. This article analyses his texts, which had not been yet studied in Brazil, as a social practice that seeks to demonstrate through language the Eurocentric ideological character.

KEYWORDS: *Europeans. Reports. Language. Indians.*

1 Considerações iniciais

Parecia-me ser mais conveniente a um tolo como eu, que deixou sua felicidade e tranquilidade doméstica, seus parentes, pelo amor à história natural, arriscar a sua vida ou a sua saúde diariamente em uma terra quente, inculta, e envelhecer cedo entre muitas privações e dificuldades.¹

(Carta de Natterer para Georg H. von Langsdorff em 23 de setembro de 1827)

Neste artigo, analisamos as construções discursivas ideológicas presentes na linguagem utilizada para construir a figura do outro, aqui representado pelo índio brasileiro, em textos do viajante naturalista austríaco Johann Baptist Natterer (1787 – 1843). Os textos utilizados neste artigo são cartas deste viajante que sobreviveram ao incêndio no Gabinete Natural da Corte de Viena (*Wiener Hof-Naturalien-Cabinet*) ocorrido no ano de 1848. Esse material², ainda inédito no Brasil, permaneceu durante um longo tempo “adormecido” no Arquivo do Estado e da Corte Austríacos (*Haus- Hof und Staatsarchiv*) e na Seção de manuscritos da Biblioteca da Cidade e do Estado da Áustria (*Wiener Stadt- und Landesbibliothek*). São centenas de cartas inéditas ao público

¹ Tradução livre de: *Es schien mir zweckmässiger gewesen zu seyn, einen Narren wie ich, der sein häusliches Glück und Ruhe, seine Verwandten verliess, um der Liebe zur Naturgeschichte halber in einem beissen, unkultivirten Lande täglich sein Leben oder seine Gesundheit aus Spiel zu setzen und unter vielen Entbehrungen und Mühseligkeiten früh zu veralten.*

² Agradeço ao professor Luiz Barros Montez, da Faculdade de Letras da UFRJ, pelo acesso a este material, o qual ele obteve durante o seu estágio de pós-doutorado na Universidade de Viena.

brasileiro e que hoje se encontram transcritas em caracteres latinos, em documentos no formato *Word*.

A análise proposta justifica-se pela carência de estudos que abordem esses textos como uma prática social concreta e não mais como um mero receptáculo de informações históricas. Ou dito de outra forma: “[...] as questões ligadas à identidade social não podem ser explicadas apenas ao nível de meras descrições de circunstâncias históricas [...]” (VIERTLER, 1994, p. 282). Associa-se a isso a questão da linguagem como prática social de construção identitária. O objetivo principal deste artigo é desvendar o estereótipo construído (a imagem do outro), por meio da linguagem, sobre os índios no Brasil do século XIX.

Para dar conta dessa proposta de trabalho, será utilizada uma abordagem teórica que satisfaça a ideia de dar a esses discursos uma nova roupagem, que entenda que todo discurso apresenta um traço ideológico e seja entendido, da mesma forma, como uma prática social. Então, como base fundamental para este estudo, será utilizada a análise crítica do discurso, que considera que todo discurso é um objeto historicamente produzido e interpretado e que as relações de dominação são legitimadas pela ideologia de grupos poderosos.

A proposta deste artigo é, então, uma abordagem interdisciplinar, que inclua não só a análise do discurso aplicada as cartas de Natterer, como também uma visão antropológica desses textos, com o intuito de ressignificar as construções discursivas presentes nas cartas, vistas, dessa forma, como efetivas práticas sociais desenvolvidas pelo viajante na construção da imagem do outro.

2 Johann Baptist Natterer

Johann B. Natterer foi um [naturalista](#) e [explorador austríaco](#). Nasceu em 1787 na cidade de Laxemburgo, próxima a Viena, cidade onde faleceu em 1843. Seu pai, [Josef Natterer](#) (1754-1823), era o zoólogo e um dos seus irmãos, [Joseph Natterer Jr.](#) (1776-1852) também era um naturalista. Estudou [química](#), [anatomia](#) e [história natural](#).

Já havia feito várias viagens de estudo e pesquisa pela Europa - colecionando animais - quando foi designado, em 1817, membro da 1ª. Expedição Científica Austríaca ao Brasil (1817 – 1821), que acompanhava Maria Leopoldina, filha do imperador Francisco I da Áustria, por ocasião do casamento com o príncipe herdeiro e futuro imperador, D Pedro de Alcântara. Natterer chegou ao Brasil no navio August, em 5 de novembro de 1817. Diferentemente dos demais membros da expedição, que retornaram para a Europa até o ano de 1821, permaneceu no nosso país até 1834, e até 1826 na companhia de Ferdinand Dominik Sochor, que faleceu conforme relato do próprio Natterer:

Sr. Sochor morreu em sua casa, e certamente não por falta de cuidado. Foi uma febre violenta que o levou para o túmulo. Ele se opôs teimosamente à sangria. Somente no oitavo dia ele consentiu, mas já era tarde demais. No mesmo dia, ao meio-dia, eu cheguei lá, pois a Dona Gertrudes tinha mandado me chamar. Era o dia 11 de Dezembro. Eu o encontrei em um estado de esperança pouco promissor. Ele já tinha soluços, acompanhados sempre de uma dor aguda na barriga. [...] Quando eu o vi depois na manhã seguinte, eles haviam extraído um pouco, porém, a respiração estava tranquila. A língua estava úmida e ele falou por algum tempo racionalmente. [...] Por volta do meio-dia veio, o ataque de febre, ele tornou-se progressivamente mais fraco e às 11 da noite ele morreu³ (Carta de 20 de Maio de 1827 para Georg H. von Langsdorff).

Natterer constituiu o zoólogo da expedição e voltou para a Áustria, com uma grande coleção de espécimes: 1146 mamíferos, 12294 aves, 1678 Anfíbios, 1621 peixes, 32825 insetos, 409 crustáceos, 951 Conchas, 73 moluscos, 430 minerais, 138 tipos de madeira, dentre outras peças. Além da coleção oficial, Natterer também reuniu, paralelamente, cerca de 1700 objetos etnográficos (joias, armas, aparelhos, vestimentas) de mais de 60 diferentes etnias. Isso o tornou o maior colecionador de todos os tempos.

³ Tradução livre de: *Herr Sochor starb in ihrem Hause und ganz gewiss nicht aus Mangel an Pflege. Es war ein hitziges Fieber, was ihn zu Grabe brachte. Er widersetzte sich eigensinnig dem Aderlassen. Erst am achten Tage verstand er sich dazu, doch war es schon zu spät. An demselben Tage mittags langte ich dort an, denn die Dona Gertrudes hatte um mich geschickt. Es war der 11. Dezember. Ich fand ihn in einem wenig Hoffnung versprechenden Zustand. Er hatte schon den Schluchzen, jedesmal mit einem stechend Schmerz im Bauche begleitet. [...] Als ich des andern Morgens darnach sah, hatten sie wenig gezogen, doch war das Atemholen ganz ruhig. Die Zunge war nass und er sprach geraume Zeit mit Vernunft. [...] Gegen Mittag kam der Fieberanfall, er wurde zusehends schwächer und nachts 11 Uhr starb er.*

A própria obra de zoologia de Natterer ficou inconclusa com sua morte prematura, aos 56 anos de idade. Restou inacabada, ainda, uma monografia sobre mamíferos brasileiros, que ele pretendia redigir em colaboração com o professor Andréas Wagner, de Munique. O manuscrito da grande obra ornitológica que projetara foi queimado durante o incêndio ocorrido em 1848, cinco anos após sua morte.

A obra que relata de maneira oficial a expedição foi produzida e organizada por Karl von Schreibers (1775 – 1852), diretor do Museu Imperial de Viena e nomeado pelo Imperador para tal função, recebeu o título em português de *Notícias dos naturalistas imperiais austríacos no Brasil*⁴, cuja primeira parte foi publicada em 1820 e a segunda parte em 18225.

3 O Europeu e o Índio

Para compor e ilustrar a análise proposta neste artigo, trazemos, então, exemplos retirados do material acima citado.

Nos primeiros fragmentos selecionados, encontramos descrições pormenorizadas da aparência dos índios, algo que Natterer chega a classificar como pornográfico, uma vez que se depara com a nudez parcial ou mesmo total dos mesmos. Situação esta incomum, diferente e até mesmo inaceitável aos olhos do europeu. A figura do outro é então colocada em oposição ao padrão europeu de comportamento. O primeiro exemplo vem de uma carta de Natterer para Karl von Schreibers de 2 de março de 1821:

Os Camels, que principalmente lá se domestica, não têm nada de especial para distingui-los das demais [nações] indígenas. O cabelo duro e preto, eles cortam à maneira dos monges carmelitas, com a ajuda de um sílex preparado para isso. No meio, com uma tonsura, porém na nuca, o cabelo permanece um pouco mais longo. Por causa desse corte de cabelo, eles também são chamados de coroados. Eles cultivam a escassa barba preta, porém, as

⁴ O título original da obra é *Nachrichten von den kaiserl. österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit aus den Amtsrelationen der k. k. Gesandtschaft am Hofe von Rio Janeiro an das k. k. Ministerium der auswärtigen Angelegenheiten in Wien, aus den Berichten und Briefen der Naturforscher an den k. k. Hof-Naturalienkabinettsdirector, Herrn Karl v. Schreibers.*

⁵ Existe uma tradução para a primeira parte desta obra disponível na Revista do IHGB/RJ, vol. 283, 1969.

sobrancelhas são tosadas e as pestanas arrancadas. A região pélvica é ocupada por poucos, porém longos cabelos, na qual o pênis bem pequeno se esconde por completo. Nas mulheres, essa região (pélvica) encontra-se nas mesmas pequenas circunstâncias.⁶

O verbo alemão utilizado aqui por Natterer é *zähmen*, e, em seu sentido mais recorrente, refere-se à domesticação de animais, ou mesmo ao controle de um sentimento como a raiva, o ódio ou a fúria. A escolha desse verbo não é um acaso, pois veremos, no decorrer deste artigo, que há uma clara tentativa de colocar os índios em uma posição de inferioridade e de aproximação com a natureza, como um animal, talvez: algo sobre o que o branco civilizado possa ter total controle.

O naturalista sugere também, recorrentemente, que os índios sejam todos iguais, já que não há nada de especial para diferenciar não só os Camels entre eles, mas todos eles. Dessa forma, as caracterizações dos Camels feitas em seguida, não só em relação à aparência, vão servir para exemplificar todas as tribos. O outro foi, então, reduzido a um só grupo, os índios. Poucos serão os momentos em que o narrador realmente os tratará de maneira diferente. Isso, porém, só ocorrerá quando se tratarem de índios domesticados *versus* não domesticados. Abordaremos esse aspecto mais adiante.

Em seguida, Natterer começa a desqualificar a aparência dos índios, desde os cabelos na região da cabeça até os da região pélvica, o que gera bastante estranhamento ao viajante, mais uma vez remetendo à questão da nudez, aspecto muito recorrente nos relatos do explorador.

No trecho selecionado da carta datada de 16 de junho de 1826 e escrita para o Barão de Marechal Wenzel Philipp Leopold (1784-1851), diplomata austríaco encarregado de negócios da Áustria no Brasil entre 1819 a 1826, veremos, mais uma vez, o naturalista reafirmar a inexistência

⁶ Tradução livre de: *Die Camebs, die man hauptsächlich dort zähmte, haben nichts Besonders, vor übrigen [Nationen] Indiern Auszeichnendes. Das harte, schwarze Haar schneiden sie sich mit Hilfe der dazu gespaltenen Feuersteine auf Art der Carmelitermönche ab, in der Mitte mit einer Tonsur, doch im Naken bleibt es etwas länger. Wegen diesem Haarschnitt nennt man sie auch Coroados. Der sparsame schwarze Bart bleibt stehen, jedoch die Augenbrauen werden von einigen abgeschoren und auch noch die Augenwimpern ausgerissen. Die Schamgegend ist mit wenig, aber langen Haaren besetzt, wovon sich der auffallend kleine Penis gänzlich verbirgt. Bey den Weibern sollen diese Theile in den selben kleinen Verhältnissen seyn.*

de diferenças entre as distintas espécies de índios, quando afirma algo como: “Se eu não estou enganado, assim também são os Botocudos e os Machacaris”⁷. Em seguida, o questionamento e o espanto remetem, outra vez, à questão da nudez. É possível visualizar a cena descrita, uma vez que Natterer não nos poupa nenhum detalhe, nem mesmo a parte da árvore que é utilizada para compor a vestimenta do índio:

Eles andam completamente nus: a única vestimenta dos homens é uma tira da folha da Palmeira Guaguaçu, da espessura de um dedo, a qual eles unem de maneira a formar uma espécie de arco, que eles colocam na frente, junto ao membro genital, o qual está direcionado para cima, pendurado num cordão que contorna a lombar. Se eu não estou enganado, assim também são os Botocudos e os Machacaris, que têm a mesma moda. As mulheres se cobrem um pouco mais, pois elas amarraram em volta do ventre uma tira do interior da casca da árvore Nagale Coga, da largura de um palmo. Essa casca é muito rígida e estática, mas entre as pernas passa uma estreita tira do floema da figueira, a qual está encaixada na frente e atrás no cinto do ventre⁸.

A escolha dos termos por parte do viajante não deve ser vista como algo aleatório. Michel Foucault, em sua obra **As palavras e as coisas**, trata dos estudos naturalistas e dá ênfase ao caráter verbal destes. Para ele, as descrições naturalistas procuravam reduzir a distância entre as palavras e as coisas “de forma a trazer a linguagem tão próxima quanto possível das observações, e as coisas observadas, tão perto quanto possível das palavras” (FOUCAULT, 1999, p. 132). A história natural vai ser entendida, então, como um exercício de redução de significados e variáveis, por meio de descrições claras e finitas. Ainda segundo Foucault, seria possível “estabelecer o sistema de identidades e a ordem das diferenças existentes

⁷ Tradução livre de: *Wenn ich nicht irre, so sind es die Botocoden und Machacarés, die die selbe Mode haben.*

⁸ Tradução livre de: *Sie gehen ganz nackt, die einzige Bedekung der Männer ist ein fingerbreiter Streifen des Blattes der Guaguaçu-Palme, welches sie so verbinden, dass es eine Art Ring formirt, den sie vorne ans Zeugungsglied stecken, welches selbst an einer Schnur, die um die Lenden geht, nach oben gekehrt hängt. Wenn ich nicht irre, so sind es die Botocoden und Machacarés, die die selbe Mode haben. Die Weiber bedecken etwas mehr, denn sie haben eine über eine Spann breite Binde aus der inneren Baumrinde des Baumes Nagale coga um den Leib gebunden. Diese Rinde ist sehr steif und unbeweglich, durch die Beine aber geht ein schmaler Streifen des Bastes des Figueira-Baumes, welcher hinten und vorn in die Leibbinde hineingesteckt ist.*

entre as entidades naturais” (FOUCAULT, 1999, p. 136), num exercício não apenas de correlação, mas também de redução. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Mary Louise Pratt (1999) destaca também o fato de os naturalistas europeus procurarem utilizar uma linguagem descritiva ou exata, numa tentativa de aproximar a linguagem das observações e coisas observadas, um exercício de redução de significados.

Na carta de 20 de dezembro de 1829, dirigida a Karl von Sreibern, Natterer descreve algumas tribos com as quais se depara e traça, novamente, as semelhanças entre elas ao descrever a aparência do homens e mulheres das tribos. O primeiro grupo de índios descritos é o dos Caripunás:

Esses índios tinham beijos e dentes pretos, com exceção do capitão deles, que os pintou de vermelho. Os cabelos dos homens são presos em uma trança, sobre a qual eles ainda prendem uma pena de avestruz. Em vez de brincos, eles colocam dentes de capivara nos lóbulos perfurados. O pênis, eles deixam amarrado para cima da mesma forma que os bororós, mas sem a folha [de palmeira]. As mulheres cobrem a região com uma folha de caité perpassada entre as pernas e em ambos os lados da tanga, ornada com penas e conchas.⁹

Em seguida, ao descrever a tribos dos Muras na mesma carta, Netterer inicia uma crítica ao comportamento dois índios. Os costumes indígenas de descansar também durante o dia são, para o olhar europeu, carregado de valores ideológicos burgueses e eurocentristas, uma coisa indecente.

No dia 14 [de novembro], aportamos junto a 4 cabanas dos índios Muras. Essa nação habita a margem do [rio] Madeira até o [rio] Borba e ainda mais adiante. Os homens quase todos vestem calças, algumas mulheres apenas saias de algodão. Duas estavam completamente nuas. Eles dormem em pequenas redes.

⁹ Tradução livre de: *Diese Indier hatten Lefzen und Zähne schwarz, ausser ihr capitão, der sie roth bemahlen hatte. Die Haare der Männer sind in einem Zopf gebunden, über welchen sie noch einen Federstrausz binden. Statt der Ohringe stecken sie einen Capibarazahn in die durchlöchererten Ohrlappen. Den Penis tragen sie wie die Bororis in die Höhe gebunden, doch ohne Blatt. Die Weiber bedecken die Theile mit einem Caité-Blatte zwischen den Beinen durchgezogen und an beyden Seiten an der Schürze mit Federn und Muscheln gezieret.*

Também durante o dia, deitam ou sentam ali. Isso parecia de todo bem indecente.¹⁰

Leite (1997) defende que:

[...] em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, [o viajante] tinha condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-los como naturais e permanentes, encontrava-se incapaz de perceber. Por ser alguém que é “de fora” e está ali “de passagem”, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado (LEITE, 1997, p. 10).

Entretanto, este perceber o diferente, abordado por Leite, não significa compreender o outro. Para o europeu, ver o outro significa descrevê-lo como diferente, como não civilizado, como aquele que deve estar sob a tutela do europeu, que o guiará para o desenvolvimento. O visitante enxerga apenas as diferenças entre seu modo de viver e o do outro. Os viajantes, pertençam eles à classe burguesa ou não, vão se apresentar e se identificar com esses valores, em detrimento dos valores sociais do país visitado. Dessa forma, seus relatos são representações discursivas e ideológicas desses valores. A construção do discurso é feita de modo comparativo, colocando o modo de vida dos índios como inferior, diferente do modo europeu, visto como padrão. Há, então, uma dificuldade do viajante em se desprender de sua cultura e entender a possibilidade do outro, daquele visto como diferente, ou seja, uma outra possibilidade, fora do modelo europeu, de vivenciar e encarar as situações da vida. Carregado de pressupostos ideológicos e de pré-conceitos, o viajante se depara com o diferente e vai, pois, colocá-lo em uma posição de inferioridade, tentando naturalizar, por meio de recursos linguísticos, essa posição distinta do outro.

¹⁰ Tradução livre de: *Am 14. landeten wir bey 4 Hütten der Indier Muras. Diese Nation bewohnt beyde Ufer des Madeira bis Borba oder weiter noch. Die Männer hatten fast alle Hosen, einige Weiber blös kattunene Röcke, zwey waren ganz nackt. Sie schlafen in kleinen Hangmatten, auch des Tages liegen oder sitzen sie in selben. Überhaupt sah es ganz schweiniß aus.*

Outro aspecto importante é que Natterer, assim como os demais viajantes europeus naturalistas, sofreu influência direta da doutrina construída por Carl Lineu (1707-1778), naturalista sueco que escreveu a obra **O sistema da natureza** (*Systema naturae*), publicada em 1735. Natterer relata-nos em carta do dia 27 de agosto de 1826: “Eu recebi em Ipanema a tradução do Sistema de Lineu [...]”¹¹. Nesta obra Lineu apresentava um sistema descritivo classificatório de todas as plantas da terra, conhecidas ou desconhecidas, de acordo com as características de suas partes reprodutivas. Essa obra teve uma enorme repercussão: seu sistema classificatório teve seguidores pelo mundo inteiro e, a partir de então, os relatos de viagem se modificaram, pois a história natural passou a desempenhar um papel determinante e fundamental neles. A partir da segunda metade do século XVIII, então, muitos viajantes-escritores se engajam num novo projeto de construção de conhecimento da história natural.

Lineu, entretanto, não interrompeu o seu trabalho nessa sistematização das plantas e resolveu incluir as pessoas na classificação dos animais. Em 1758, ele classifica, então, o *homo sapiens* em seis variadas categorias: homem selvagem, americano, europeu, asiático, africano e monstro (anões e gigantes). Essa classificação era explicitamente comparativa e pode-se dizer que tomava o europeu como padrão para classificar os outros pela diferença. Segundo Lineu, o europeu era definido como: claro, sanguíneo, musculoso, cabelo louro, olhos azuis, perspicaz, delicado, inventivo, coberto por vestes justas e governado por leis. Essas classificações e referências, criadas de maneira comparativa, tentavam naturalizar o mito da superioridade europeia e passaram a ser utilizadas por muitos naturalistas-viajantes. Segundo Pratt, “estas são também as categorias por meio das quais os europeus definem e avaliam a si mesmos e se comparam com outros” (PRATT, 1999, p. 88).

A desqualificação dos índios aparece recorrentemente em diversos trechos e ratifica a oposição entre eles e o europeu. Na carta de 1826 acima citada, dirigida ao Barão de Marechal Wenzel Philipp Leopold, Natterer relata também outra qualidade dos índios, a preguiça: “Sobre

¹¹ Tradução livre de: *Die Uebersetzung von Linnés System habe ich in Ypanema erhalten [...]*.

índios daqui de perto, a saber, os Bororós [...]. Alguns já estão também entre os vaqueiros, embora eles sejam em geral preguiçosos.”¹² E, em outra carta, agora escrita em 1830, mas para o mesmo Barão, o viajante fala um pouco da natureza dos índios e de suas habilidades inatas: “Da mesma forma, eu requeri índios para pescar e um para caçar. Claro que paguei a eles todos, com exceção daqueles que fugiram, algo que entre os índios é um hábito totalmente congênito”¹³. Essa qualificação dos índios é recorrente: às vezes, ocorre de maneira isolada, como nos casos acima, mas outras vezes, Natterer expõe todas as características de uma vez só, como na carta de 20 de fevereiro de 1831 dirigida a Schreibers: “Ao meio dia nós partimos e pernoitamos numa longa ilha, onde, à noite, 2 índios fugiram, o que é um hábito congênito desses seres preguiçosos, que frequentemente deixam o dono do navio completamente a só. Por sorte, eles não me roubaram nada da caçada.”¹⁴

A crítica de Natterer à “preguiça” indígena demonstra pouca compreensão do viajante a essa nova obrigação imposta pelo branco, uma vez que as atividades habituais dos índios eram compostas por caça e pesca, fundamentalmente.

Nesses últimos recortes vimos, de um lado, o europeu, que é governado por leis, perspicaz e, como um representante da classe burguesa, um trabalhador aplicado; do outro, o índio, que é preguiçoso, não confiável e fujão. Para se definir como ser, o viajante vai qualificar o outro de maneira opositiva, por meio da linguagem que utiliza. Segundo Bakhtin, “é através do outro que me defino e me apresento como ser” e acrescenta: “a imagem externa de um ser (assim como seus atos) não podem ser definidos e caracterizados por ele próprio” (BAKHTIN, 2003, p. 175). Quanto mais Natterer define e qualifica os índios, mais ele está, ao mesmo tempo, se definindo e, na verdade, se caracterizando como um ser, em oposição ao outro.

¹² Tradução livre de: *Von den hier nahen Wilden, nämlich den Bororós [...] Einige sind auch schon unter den Viehknechten, obschon sie im ganzen sehr faul sind.*

¹³ Tradução livre de: *Ebenso requirte ich Indier zum Fischen und einen zum Jagen, doch bezahlte ich sie alle, ausgenommen jene, die flüchtig wurden, was bey den Indiern ganz angeborene Gewohnheit ist.*

¹⁴ Tradução livre de: *Mittag fuhren wir ab und übernachteten auf einer langen Insel, wo in der Nacht mir 2 Indier entflohen, welches eine angeborene Gewohnheit dieser faulen Menschen ist, die oft den Schiffspatron ganz allein auf dem Schiff lassen. Zum Glücke stablen sie mir keines von den Jagdkanoen.*

A descrição dos selvagens, tal como chamados os índios na maior parte do tempo, aproxima-os dos animais, seja pela maneira de agir, seja pela maneira como eles são tratados. Ao caçar um tamanduá para comer, Natterer tece o seguinte comentário na carta de 31 de agosto de 1831 dirigida ao seu irmão Joseph Natterer: “A carne é muito dura, mas foi um petisco para os meus índios.”¹⁵ De um lado, temos, então, o europeu, que enfrenta dificuldades para comer a carne dura, e, do outro lado, o índio, certamente visto como um animal, que se delicia com aquela carne intragável. Em sua pesquisa de doutorado, Kurt Schmutzer conclui que “os índios, domesticados ou selvagens, são vistos fora da sociedade (brasileira-européia) vivente, como parte da natureza e, dessa forma, são colocados no mesmo nível de outros objetos de observação e apropriação”¹⁶ (SCHMUTZER, 2007, p. 171).

O tratamento destinado, então, aos índios, objeto de caça, pode ser ilustrado também em alguns trechos das notas de Natterer de fevereiro de 1826, quando descreve a figura do trilhador:

Trilhador é um tipo de pessoa, que segue a pista dos selvagens, para, então, atacá-los. Alguns são muito hábeis, de maneira que reconhecem as pisadas dos selvagens em cada pequena vergõntea ou em cada folha arrancada. À noite eles reconhecem, com os pés descalços, a pegada dos selvagens e as diferenciam das trilhas dos animais. Quase todos os selvagens ainda bravios possuem a mesma habilidade, como por exemplo, eles perseguem as pisadas da tartaruga, do jabuti, até eles os encontrarem.¹⁷

O viajante acrescenta ainda, nessas mesmas anotações: “Bandeira é o nome dado a um segmento de pessoas armadas que se infiltra na selva para procurar os selvagens, para matá-los ou aprisioná-los. Nessa ação, o

¹⁵ Tradução livre de: *Das Fleisch ist sehr hart, doch war es für meine Indier ein Lekerbissen.*

¹⁶ Tradução livre de: *Die Indier – zahme wie wilde - werden als außerhalb der (brasilianisch-europäischen) Gesellschaft lebend, als Teil der Natur angesehen und damit auf die gleiche Stufe gestellt wie andere Objekte der Beobachtung und Aneignung.*

¹⁷ Tradução livre de: *Trilhador ist eine Art Leute, die die Spur der Wilden verfolgen, um sie dann anzugreifen. Manche sind sehr geschickt, so dass sie die Fusstritte der Wilden in jeden umgebognen Grashälmlchen oder abgerissnen Blättern erkennen. Bey Nacht erkennen sie mit blossen Füßen die Spur der Wilden und unterscheiden sie von den Wegen der Thiere. Fast alle noch wild lebenden Wilden besitzen dieselbe Geschicklichkeit, so z.B. verfolgen sie die Fusstritte der Schildkröte Jabuti, bis sie selbe finden.*

trilhador exerce o papel principal.”¹⁸ Os habilidosos trilhadore abrem caminho para a matança dos índios, os selvagens, que ameaçam com seus hábitos hostis a sociedade burguesa de base etnocêntrica, representada aqui por Natterer.

Esse viajante, assim como os demais que se deparavam com os índios, ou mesmo com os negros escravos, afirmavam que a esperança para esses grupos era a influência de comportamento do europeu, aquele que (e)levaria, então, esses selvagens a uma nova condição. O convívio com o europeu, superior em seus atos, poderia retirar os índios do seu estado de selvageria, como nos afirma Natterer, em carta de 2 de março de 1821, escrita para Karl von Schreibers: “Deve haver também alguns brancos de passagem entre eles [os índios], que, então, os instruem por completo.”¹⁹ E acrescenta na mesma carta: “Desde quando se começou a domesticar os selvagens na região do Guarapuava, os quais estão em contato com os [índios] do sertão de Lages, eles se tornaram um pouco mais instruídos.”²⁰ Na última afirmação o viajante faz uso do verbo *aufklären*, que na língua alemã tem um significado bastante amplo. É dele, por exemplo, que se originou o termo *Aufklärung*, que em português ficou conhecido como Iluminismo. Dessa maneira, a instrução dos índios também carrega um sentido de esclarecimento, de saída da escuridão, que seria a ignorância intelectual, e, assim, esse contato com o europeu os retira dessa situação na qual vivem. Dito de outra forma, pode-se afirmar que o índio, ao ser domesticado pelo branco europeu, evoluiria como ser, saindo do seu estado selvagem (*wild*) para um estado manso (*zähm*), ou domesticado.

Esse amansamento dos índios era necessário para que eles pudessem ser úteis ao europeu e para permitir o convívio entre eles. O “selvagem” amansado poderia, assim, servir para o trabalho escolhido pelo branco.

¹⁸ Tradução livre de: *Bandeira nennt man eine Abteilung bewaffneter Leute, die in die Wildnis eindringen, um die Wilden aufzusuchen, zu tödten oder zu Gefangenen zu machen. Dabey spielt der trilhador eine Hauptrolle.*

¹⁹ Tradução livre de: *Es sollen sich auch einige verlaufne Weisse bey ihnen befinden, die sie dann vollends unterrichten.*

²⁰ Tradução livre de: *Seitdem man anfing, die Wilden in den Steppen von Guarapoava, die mit jenen aus der sertão von Lages in Verbindung stehen, zu zähmen, wurden sie dann auch etwas aufgeklärter.*

A figura do pesquisador-naturalista é, então, vista como uma pessoa de boa índole, de boas qualidades, que veio para ajudar e educar, e não para usurpar. Da mesma forma, seu relato passa a narrar a história do europeu, servindo, assim, para naturalizar a sua presença em outro país, através da qual ele assegura a sua hegemonia, carregada de valores ideológicos europeus.

Toda essa idéia de domesticação do índio é justificada em diversos momentos dos relatos de Natterer por cenas muitas vezes detalhadas de ataques ou atos de covardia, emboscadas, etc., feitos pelos selvagens. Nessa mesma carta descrita acima, o viajante deixa seu leitor ou qualquer outro recém-chegado ao país com um temor imenso dos índios ao narrar o seguinte:

Uma razão principal para que essa região ainda não esteja abastecida com seus próprios habitantes deve ser buscada certamente nas atitudes hostis dos selvagens, que destroem toda colonização. Esses selvagens, que geralmente são documentados com o nome de Bugres, devem pertencer às nações dos Tactaias e dos Votorões. Eles são muito perigosos para os viajantes no sertão, que, por isso, viajam, em geral, fortemente armados em pequenas caravanas e durante a noite fazem vigília, para se proteger de emboscadas. Pois, apesar disso, não se passa um ano sequer em que não se fique sabendo assassinatos acontecidos.²¹

Além de (des)qualificar inicialmente os índios como selvagens, o naturalista expõe uma situação rotineira na vida de qualquer viajante como extremamente perigosa, ou seja, passar a noite em lugares desconhecidos pode, pela presença do selvagem, acabar em morte. E para não deixar dúvidas sobre a essência selvagem e covarde dos índios, acrescenta, ainda nesta mesma carta de 1821, outra breve narrativa de grande impacto: “Quando em 1770 foi empreendida para lá a primeira expedição por iniciativa de D. Afonso Botelho, estabeleceu-se, inicialmente, relações

²¹ Tradução livre de: *Eine Hauptsache, dass diese Gegend noch nicht mit einigen Bewohnern versehen ist, ist wohl in den feindlichen Gesinnungen der Wilden zu suchen, die jede Ansiedlung zerstören. Diese Wilden, die man allgemein mit den Nahmen Bugres belegt, sollen von den Nationen Tactayas und Votorões seyn. Sie werden den Reisenden im sertão sehr gefährlich, die deshalb stark bewaffnet gewöhnlich in kleinen Karavanan reisen und nachts Wachen aufstellen, um sich vor Uiberfällen zu schützen. Denn ungeachtet vergeht kein Jahr, dass man nicht von geschehen Morden erführe.*

com os Camés, que se demonstravam eminentemente amistosos com os portugueses. Porém, quando estes se achavam em segurança e não levaram em conta os cuidados necessários, os índios mataram 7 pessoas.”²²

Em trecho retirado da carta de 8 de janeiro 1828, também destinada ao Barão de Marechal Wenzel Philipp Leopold, fica evidente que, se não era uma consciência pré-existente de que o outro, o índio, era um ser violento e selvagem, certamente, foi uma tentativa de criá-la, ao prejudicar um acontecimento da seguinte forma:

Algum tempo depois, eu ouvi o disparo de um tiro, em seguida um segundo, um terceiro e um quarto. Eu dei com as esporas no meu cavalo e cavalguei com meu escravo rapidamente adiante, a espingarda preparada, no pensamento que os selvagens do Cabaçal teriam investido contra minha tropa. Logo eu os alcancei e encontrei minhas mulas dispersas, porém, não havia selvagens. Meu pessoal havia atirado em uma onça pintada e já estavam ocupados em colocá-la sobre uma mula.²³

O viajante não só prejudica o índio, como se coloca em suas narrativas como verdadeiro representante da burguesia europeia, pois, como veremos a seguir, ao se referir aos índios Bororós, o que é

notável também nas explanações de Natterer é a indiferença perante a violência, com a qual os índios são confrontados com a civilização européia. Natterer observa apenas como tal a agressão do Bororó. O procedimento dos brasileiros ele descreve como medidas de proteção legítimas. Um direito ao modo de vida autônomo, ao próprio território e ao desenvolvimento cultural não é concedido ao Bororó. De maneira implícita, Natterer compartilha a visão dos brasileiros, que viam nos Bororós sobretudo como objetos de satisfação, submissão e subserviência²⁴ (SCHMUTZER, 2007, p. 167).

²² Tradução livre de: *Als 1770 auf Veranlassung des Don Affonso Botelho die erste Expedition dahin unternommen wurde, machte man zuerst die Bekanntschaft mit den Camehs, die sich vorzüglich friedlich gegen die Portugisen zeigten. Doch als diese sich sehr sicher glaubten und die nöthigen Vorsichten ausser Acht liessern, tödteten ihnen die Indier 7 Personen.*

²³ Tradução livre de: *Einige Zeit darauf hörte ich einen Schuss fallen, bald folgte ein zweyter, dritter und vierter. Ich gab meinem Pferde die Sporen und ritt mit meinem Neger rasch vorwärts, die Gewehre in Bereitschaft, in der Meinung, dass die Wilden vom Cabaçal meine Truppe angegriffen hätten. Bald erreichte ich sie und fand meine Maulthiere zerstreut, doch gab es keine Wilden. Meine Leute hatten eine gefleckte Unze geschossen und waren schon beschäftigt, sie auf ein Maulthier zu laden.*

²⁴ Tradução livre de: *Bemerkenswert an den Ausführungen Natterers ist die Indifferenz gegenüber der Gewalt,*

Essa visão de Natterer, presente em sua linguagem, em seu discurso carregado de valores burgueses europeus, comprova que a situação dos índios no Brasil do século XIX era a seguinte: de um lado, havia o colonizador que buscava trabalhadores (escravos) para servir ao governo e, do outro, havia os índios, que não se submetiam a esse poder e essa tentativa de escravidão, e, por isso, eram mortos de maneira cruel pelos portugueses, que buscavam justificar suas ações covardes pelas reações brutas e justificáveis dos índios na luta pela sua sobrevivência, seus costumes e sua tradição.

4 Comentários finais

Vimos que a construção da imagem do outro, representado na figura do índio, foi construída por Natterer por meio da caracterização não só de sua aparência física, mas também por meio de seus atos e costumes em oposição ao modelo e padrão europeus. Toda essa caracterização foi, contudo, moldada pela linguagem, por meio do discurso do viajante sobre os índios.

Sob a influência das correntes ideológicas da época, assim como do sistema de classificação proposto por Lineu, o naturalista europeu tinha, portanto, a tarefa de localizar todas as espécies do planeta, retirando-as do caos em que se encontravam, e colocá-las em seus lugares apropriados no interior do sistema. Essa proposta de sistematização europeia da natureza como construção de conhecimento procurou normatizar e, da mesma forma, classificar também os seres humanos. Ela foi determinante para diversos tipos de práticas semânticas e sociais, dentre as quais o relato de viagem era uma de suas práticas mais significativas.

Pratt, que pesquisou e analisou os relatos de viajantes também no século XIX concluiu em sua pesquisa que: “a história natural foi inquestionavelmente constituída dentro e por meio da linguagem e foi também um empreendimento que se concretizou em vários aspectos da vida material e social.” (PRATT, 1999, p. 62). Assim, a perspectiva de

mit der die Indier mit der europäischen Zivilisation konfrontiert werden. Natterer nimmt nur die Aggression der Bororo als solche wahr, das Vorgeben der Brasilianer stellt er als legitime Schutzmassnahme dar. Ein Recht auf eigenständige Lebensweise, eigenes Territorium und kulturelle Entfaltung wird den Bororo nicht zugestanden. Implizit teilt Johann Natterer die Sicht der Brasilianer, die in den Bororo vor allem Objekte der „Befriedung“, Unterwerfung und Dienstbarmachung sahen.

análise deste artigo buscou focalizar o ponto de encontro entre o discurso e o meio social, a relação dialética entre ambos, mostrando que o olhar do viajante, como representante da burguesia europeia, assim como seu discurso sobre o índio, ajudaram a construir uma nova consciência planetária, na qual a linguagem tem papel central como uma prática concreta de construção da imagem do outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999

SCHMUTZER, K. **Der Liebe zur Naturgeschichte halber**. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835. 2007. Tese de doutorado. Universidade de Viena, Viena.

VIERTLER, R. B. A experiência do outro na antropologia. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 269-283, 1994.

Recebido em setembro de 2013.

Aprovado em dezembro de 2013.

SOBRE O AUTOR

Rafael Chaves Santos é doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da CAPES. Atualmente pertence ao grupo de pesquisa LIEDH/UFRJ, vinculado à Biblioteca Nacional.
E-mail: rafferufrj@gmail.com.